

# O Progresso Catholico

... sequor autem, ad quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

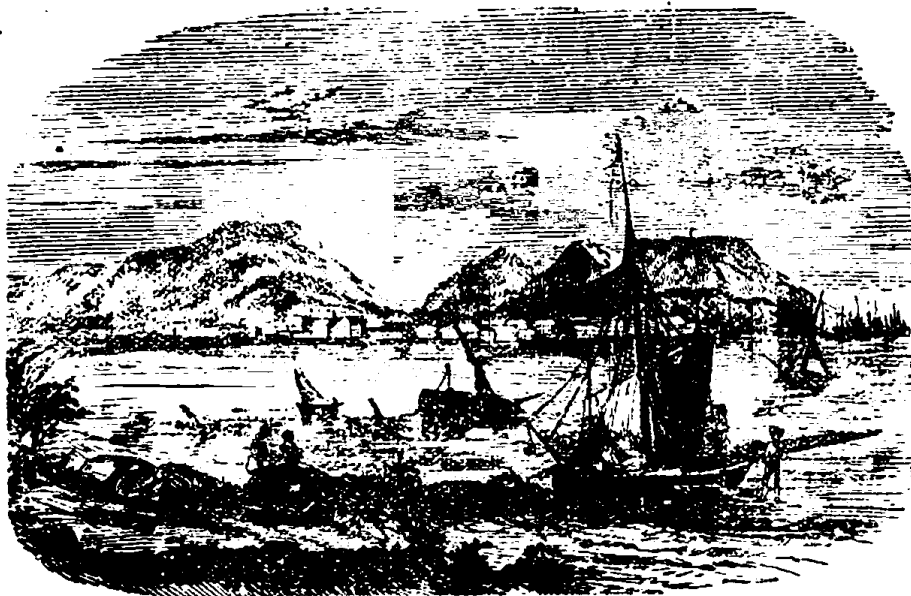
RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendam: melius  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *O episcopado brasileiro; O Socialismo Antigo—A republica de Platão e Xenophonte*, por \*\*\*.—  
Secção Scientifica: *Liberalismo, Carta pastoral do Ex.º Bispo de Carthayena*.—Secção Critica: *O obolo da caridade*, por J. R. M.;  
*Um bom livro*, por P. M.; *Operarios*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada.—Secção Necrologi-  
ca.—Retrospecto, por F.

Gravuras: *Ilha de S. Domingos; Os ocios d'um futuro artista.*



ILHA DE S. DOMINGOS

## Aos nossos presados assignantes

Não nos ençamos, porque n'isso vai o progresso e augmento do nosso quinzenario, e de pedir com instancia aos presados assignantes que estão em debito o pagamento de suas assignaturas. Ha-os que devem dois e tres annos! Bem sabemos que todos os retardatarios tem teneção de pagar; mas o que talvez en- nos assignantes remissos não

saibam é que a demora no pagamento causa sérias difficuldades á empreza do 'Progresso Catholico', que, tendo despezas certas e avultadas, não póde fazer face a ellas com o dinheiro em mãos dos srs. assignantes.

Por estas razões, que são, a nosso ver, dignas de serem ponderadas e attendidas, es- peramos merecer nos srs. assignantes em divida a deferição no nosso pedido, aliás justissimo.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### O episcopado brasileiro

#### PASTORAL COLLECTIVA

do Episcopado brasileiro ao clero e aos fieis da Igreja do Brazil

(Continuação do n.º antecedente)

I



FACTO attestado, como já vimos pela luminosa palavra de Leão XIII, e de tal magnitude, de tal alcance e gravidade, que nunca

padecerá por muito proposto e medido: o espirito humano, dignos cooperadores e filhos muito amados, parece n'estes ultimos tempos possuido de extraordinaria vertigem, e fluctua incerto ao vento das mais extravagantes doutrinas.

Nunca se viu movimento semelhante desde a origem do Christianismo.

Uma negação universal tende a precipitar no abysmo da apostasia individuos e nações. A religião catholica maiormente é alvo primario de todos os ataques da impiedade moderna. Em nome dos principios de uma falsa sciencia, que veio substituir a gargalhada, já muito desacreditada, com que o infame Voltaire escarnecia de quanto ha de mais sagrado, negam-se os divinos fundamentos da nossa augusta religião, desmentem-se os seus livros santos, impugnam-se os seus dogmas, deturpa-se a sua moral, caluniam-se a sua historia, menosprezam-se os seus sacramentos, dá-se ridicula origem ao seu culto; cobrem de baldões os seus sacerdotes, contestam os seus serviços, cerceam a sua liberdade de acção, despojam e aprisionam o seu chefe supremo, e, sob o nome, que se pretende tornar odioso, de *clericalismo*, apon-tam-na como a mais temerosa inimiga, de que cumpre a todo o custo precaver e livrar o genero humano!

«Com que encarniçamento e de quantos modos está ardendo a guerra contra a Igreja, não é quasi necessario lembrial o, diz na sua ultima encyclica *Sapientia Christiana* o sapientissimo Papa Leão XIII. De ter sido dado a razão, armada com as investigações da sciencia, arrancar á natureza grande numero de seus segredos mais occultos, e fazel-os servir aos diversos usos da vida, a tal ponto se ensoberbeceram os homens, que julgam poder expulsar da vida social a auctoridade e o imperio da suprema divindade.

«Transviados pelo erro, transferem á natureza humana aquelle principado de que pretendem despojar a Deus. Easinam que á natureza cumpre pedir o principio e a norma de toda a verdade; que da ordem natural dimanam e a ella devem referir-se todos os deveres da religião. Por conseguinte, negação de toda a verdade revelada, negação da moral christã e da Igreja. Esta, segundo elles, não está investida do poder de legislar, nem de direito algum; antes nenhum logar se lhe deve dar nas instituições civis. Para mais facilmente amoldarem por taes doutrinas as leis e os costumes dos povos, fazem todos os esforços para se apoderarem da direcção dos negocios e pôr a mão no leme dos Estados. Assim em muitos paizes é o catholicismo ou abertamente combatido, ou secreta-

mente atacado. Os mais perniciosos erros estão certos da impunidade e numerosos obices são postos á profusão publica da verdade christã.»

Os consecretarios forçados d'essa lucta incessante, audaz, infernal, travada em todo o mundo contra a ordem religiosa e social, são os que estamos vendo: esmorecimento da fé, abandono das praticas religiosas, depravação crescente dos costumes, o egoismo substituinto a caridade, o calculo a dedicação; perda do espirito de familia, insubordinação no lar domestico, na escola, no exercito; desacatos á auctoridade. abusos do poder publico, falta de respeito geral, desenfreamento do luxo com todas as suas consequencias, sacrilégio de tudo ás mais vis especulações, ancia doentia de gozar e enriquecer a todo transe; adoração, emfim, geral, fanatica, fervorosissima do unico Deus que impera n'este seculo e n'esta terra, de quem ninguém blasphema, perante cujo conspecto todos se curvam venerabundos: o *Bezerro de Ouro*.

A desorganização social produzida pelo atheismo, que tem hoje em dia fóro de cidade, é tão vasta, tão profunda, tão radical, que os mais eminentes pensadores contemporaneos, prevendo á luz da historia, cujas leis não falham, males ainda mais temerosos, que em futuro, não muito remoto, ella desencadeará sobre a sociedade, perguntam espavoridos: *Deus meus! em tal correr aonde iremos parar?*

E' que este tremendo diluvio de erros, cada qual mais pernicioso que alaga a sociedade moderna, maxime na Europa e nas duas Americas, ameaça arrastar e subverter tudo em suas aguas lodosas e pestilentas, tudo: familia, instituições, leis, religião, sociedade!

Conseguirá, porém, a impiedade levar ao cabo o seu nefando intento?

Não. Pôz Deus outr'ora as tranquilas areias da praia como dique poderoso ao furor do Oceano, dizendo-lhe: *Até aqui virás, não passarás além, quebrantarás aqui as tuas vagas embravecidas!* (1)

Christãos! tenhamos fé. Esse mesmo Deus, acudindo pressuroso aos urgentes chamados de sua esposa perseguida, refreará a tempo a sanha dos mãos, e, segundo os decretos insondáveis de sua Providencia, marcar-lhes-á com o seu dedo omnipotente os limites dentro dos quaes elles poderão exercer a sua acção funesta e devastadora. Não irão além.

Nomeámos ha pouco o *atheismo*.

D'este monstruoso erro, fonte enve-

nenada de mil desordens, nasce o esforço que vai fazendo a seita em varios paizes para exilar o Criador do mundo e o Salvador dos homens das relações publicas da vida humana. A energica expressão é de Leão XIII: *Ipsa humani generis Auctor et Redemptor ab omni publica humane vitas consuetudine exulare cogitur.* (1)

Mas fazei aqui um reparo. Este Deus que se pretende expulsar da vida social, como bem a proposito observa um pio escriptor contemporaneo, «não é o Deus vago e frio das philosophias, que ellas se comprazem em deixar lá bem longe nas regiões hyperboreas de uma eternidade deserta; é o Deus vivo e pessoal, o Deus bom, o Deus que se revelou ao mundo e que habita no meio de nós no Sacramento do altar, na adoravel pessoa do Nosso Senhor Jesus-Christo, o Deus que fez a Igreja, e que pelo ministerio d'ella nos esclarece e nos rege, o Deus cuja politica se resume toda n'estas duas palavras: amar-nos e exigir o nosso amor.»

Para tornar mais efficiente o seu designio de ingrata e sacrilega exclusão, envolveu-o e dissimulou a astucia sectaria na fórmula de um principio que seduz as intelligencias incautas, de uma phrase que apenas se impõe pela sua sonoridade.

*Igreja livre no Estado livre*, disse o ha tempos o cavilloso Cavour, éco de mais antigos novadores. Igreja separada do Estado, Estado separado da Igreja. *Ecclesia a Statu, statusque ab Ecclesia sejungendus est*, dizem hoje, á bocca cheia, todos os corypheus do radicalismo moderno.

Assim, não ha de andar mais a Igreja conjuncta com o Estado. Um e outro poder exercerão acção separada e isolada, sem sequer se conhecerem mutuamente. Nada mais de união entre elles. *Separação, separação!* eis o que se proclama voz em grita, como uma das grandes conquistas intellectuaes da época! O mundo social uada tem que vêr com a religião.

Tal é a fórmula theorica que se pretende hoje em dia reduzir á pratica, e com que se dá como resolvido o momentoso problema das relações entre a Igreja e o Estado.

Esta doutrina não a podemos os catholicos admittir, porque está condemnada pela Santa Sé Apostolica na 55.ª proposição do Syllabus ou rol de erros contemporaneos, que acompanha a memoravel Encyclica *Quanta cura*, dirigida por Pio IX. de gloriosa memoria, a todo o orbe catholico.

Já em 1832 entendera Gregorio XVI que imperioso lhe corria o dever de

(1) Job, XXVIII, 11.

(1) Encycl. *Quod Apostolici muneris.*

denunciar a reprovação da consciência christã.

Ouvi as suas proprias palavras:

«Não temos que presagiar, diz o venerando Pontífice, nada feliz para a religião e para os governos, dos desejos d'aquelles que querem a Igreja separada do Estado, e que se rompa a mutua concordia do imperio e do sacerdocio; porque é certo que esta concordia, tão favoravel sempre e tão saudavel aos interesses da religião e da auctoridade civil, é objecto de terror para os partidarios de uma desenfreada liberdade.» (1)

Vejamos agora os fundamentos da doutrina catholica.

Por ordenação divina, dignos cooperadores e filhos muito amados, dons poderosos perfeitamente distinctos e independentes, constituindo sociedades diversas, regem a humanidade e, por meios apropriados, a encaminham a consecução do fim peculiar a cada uma d'ellas,—o poder *ecclesiastico* e o poder *civil*, cu por outra, a Igreja e o Estado.

A distincção entre as duas sociedades que acabamos de nomear origina-se primeiro que tudo da diversidade de fins em que cada uma pda a mira.

O estado tem por alvo um fim meramente natural, que se realisa e completa aqui na terra, e elle attinge tal fim quando, promovendo a ordem, a paz, a prosperidade publica, consegue encaminhar os seus subditos á posse da felicidade temporal.

A Igreja tem um alvo incomparavelmente mais levantado.

Ella olha para um objectivo superior, posto além dos limites do tempo, e que, por isso mesmo que transcende as forças da natureza humana, se chama *sobrenatural*: este objectivo é a felicidade eterna, cujo gozo se não pôde alcançar senão mediante intervenção e auxilio da graça divina, cooperando com ella o livre alvedrio do homem.

Assim a felicidade eterna, que consiste na posse e fruição de Deus,—não se realisa e completa senão no céu. Entretanto aqui na terra é que essa felicidade se prepara pelos arduos labores e combates da vida christã; aqui na terra é que se empenham valorosos esforços e se sustentam renhidas pelejas para attingil-a um dia; aqui na terra é que se adquirem, apuram e enlhesou ram meritos para receber a no céu, como glorioso galardão que é.

«O tempo de minha morte se avizinha, diz cheio de esperança o laborioso e valente Apostolo. Eu pelejei uma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. Está-me reservada uma corôa de

justiça, que o Senhor, justo juiz, me dará n'aquelle dia; e não só a mim, senão também áquelles que amam a sua viuda.» (1)

(Continua).

## O Socialismo Antigo

### A republica de Platão, e Xenophonte

Depois de ter dado com tanto talento a definição da metropole e analysado a divisão do trabalho, Platão pára subitamente e aconselha o communismo das mulheres e das crianças. «Proponho—diz elle—que as mulheres dos nossos guerreiros sejam *communis todas para todos*; que nenhuma d'ellas possa habitar particularmente com nenhum d'elles; que as crianças sejam *communis* e que ellas não conheçam seus paes, nem os paes seus filhos (2).»

Cito litteralmente esta passagem incrível, para dar uma ideia do grau de arrojo a que o espirito de systema pôde levar um dos mais bellos genios da antiguidade.

O communismo dos bens, outra chimerica, é tambem considerado por Platão como um remedio soberano ás chagas as mais inveteradas da sociedade. Acabariam as perturbações, as desordens, a insolencia, a servidão.

Desappareceria a usura com a avareza e os vicios que um amor immoderado das riquezas multiplica nos homens.

Não haveria mais demandas, por tanto acabava a chicana; e viveriam todos como irmãos. «Não esperemos—acrescenta Platão—realisar o plano d'esta perfeita republica. Como os pintores habeis desenharam em grandes traços os modelos d'uma belleza ideal, impossivel d'achar nos individuos, assim queremos apenas dar um typo sem senão; quanto mais se aproximarem de este modelo os legisladores, tanto mais a sua constituição será propria para conduzir os homens á felicidade.»

Tal é a opinião que Platão, esse republicano de Athenas, tinha das suas doutrinas, mistura notavel de esboços cheios de exactidão e de utopias indignas d'atencção.

Ignota-se como conciliar, effectivamente, as ideias de egualdade que agitam esse philosopho, com o seu profundo desprezo pelas classes trabalhadoras. «A natureza, segundo elle, não fez nem sapateiros, nem ferreiros; taes officios degradam os individuos que os

exercem, vis mercenarios, miseraveis sem nome que são excluidos, pela sua profissão mesma, dos direitos politicos. Quanto aos mercadores, acostumados a mentir e a enganar, só seriam tolerados na metropole como um mal necessario. O cidadão que se avilte por meio do commercio de loja *será demandado por esse delicto*. Provado este, será condemnado a um anno de cadeia. A punição será dobrada em cada recidiva. Este genero de trafico só será permitido aos estrangeiros que serão considerados como os menos corrompidos. O magistrado conservará um registro exacto das suas facturas e de suas vendas. Só lhes será permittido um pequeno lucro (1).

Xenophonte não é menos explicito. Elle é de opinião que «as artes manuaes são infames e indignas d'um cidadão. A maior parte deformam o corpo. Ellas obrigam a estar sentado á sombra ou junto ao fogo. Tiram o tempo que se deve dar á republica e aos amigos.»

É esta doutrina, *dos ociosos*, que resume toda a economia politica dos antigos.

A economia politica dos Gregos era eminentemente governamental e regulamentar. Seus escriptores exigem que a lei se ingira em tudo e não deixe quasi nada á liberdade individual dos cidadãos.

A metropole só é para elles uma vasta associação em que cada habitante representa um papel ajustado, ou então uma grande machina na qual elle representa uma das rodas. Occupam-se exclusivamente das massas e desdeolham o individuo.

O que ha pois a admirar n'esta doutrina?... Um estudo mais philosophico da historia antiga mostra-nos os Gregos ardendo em guerras civis, em guerra com o estrangeiro de continuo, na eterna intriga da praça publica, em consequencia da mão-d'obra que lhes permittia viver do trabalho dos escravos. Os Gregos notalisavam-se em conduzir os carros com velocidade, em esgravatarem as finezas grammaticaes, em cantarem e tocarem menos mal, mas quando se tornaram rhetoricos depois de ter sido ladrões, tiveram de perecer por falta de coragem para se defenderem, e por falta de dinheiro para pagarem a mercenarios que os defendessem.

A economia politica de Xenophonte não assenta menos sobre as mesmas bases que a de Platão. Todas as vezes que se trata de analysar as operações

(1) Encycl. *Mirari vos*.

(1) Thim I v. 7.

(2) *Da Republica*, liv. V.

(1) Platão, *Tratado das Leis*, liv. XI.

do trabalho, de ir ás origens da renda, de determinar a utilidade das coisas, a lucidez d'este escriptor é admiravel; mas, logo que é questão da repartição dos lucros, os prejuizos gregos começam a dominar e o auctor cae na politica de Platão e de Aristoteles, fleis interpretes da oligarchia contemporanea.

Que infelicidade que estes homens, tão habéis em expôr os phenomenos essenciaes da producção, não livessem tirado mais judiciosas consequencias! Oigamos Xenophonte nas suas definições:

«Cumpre não entender por bem se não aquillo que nos pôde ser util.

—As terras que cultivamos deixam de ser bens, logo que percamos nas culturas d'ellas.

—O proprio dinheiro não é um bem, se se não faz uso d'elle.»

Pois quem melhor definiu os capitães productivos e improductivos? Acaso o moderno economista J. B. Say? Não!

De resto, os escriptos de Xenophonte, com quanto recheados de conselhos engenhosos para os agricolas e de considerações importantissimas para os philosophos, não podem dar-nos uma idéa completa das verdadeiras vistas economicas dos antigos.

O auctor limitou-se a recomendar a temperança, a actividade, a boa distribuição do trabalho. Traçou com cuidado as attribuições do homem e da mulher, sob a influencia do casamento, as vantagens da ordem, da emulação e das recompensas. Emfim, manifestou com energia o profundo desprezo que lhe inspiravam os trabalhos manuaes:

«A gente que a elles se dá, diz elle, não é nunca elevada aos cargos, e com muita razão. A maior parte condemnada a estar assentada todo o dia, outra parte mesmo a soffrer até um fogo continuado, não pôde deixar de ter o corpo alterado, e bem difficil é que o espirito se não ressinta d'isso. Além d'isso, o trabalho leva todo o tempo; nada se pôde fazer, nem para os amigos, nem para o Estado.»

Tal é a conclusão forçada de todas as theorias economicas dos antigos.

\* \* \*

A agricultura unicamente passava aos olhos dos antigos por uma industria respeitavel; era só para ella que reservavam sua sollicitude e admiração.

Xenophonte consagra-lhe a parte mais importante da sua obra intitulada *Economicas*. Elle ahi trata de formar bons colonos, de dar a conhecer as propriedades d'um terreno, dos tempos favoraveis á lavra, das sementeiras, das plantações, das lavras, do commercio dos grãos; mas tão succintamente, e

d'uma maneira tão sentimental, que o seu livro, apesar das informações excellentes que contem, parece antes um cathecismo de moral que um tratado scientifico. Todavia n'elle se acham os prejuizos habituaes dos antigos acerca de certas questões importantes da sciencia, especialmente em favor dos metaes preciosos.

«A prata, diz Xenophonte, não se parece com as outras producções da terra. Que o ferro ou o bronze se tornem communs, ao ponto que as obras feitas com estas materias se vendam baratas de mais, eis os artifices arruinados completamente. Eu digo a mesma coisa dos cultivadores, nos annos em que o trigo, o vinho ou as fructas são demasiado abundantes. Com a prata, acontece inteiramente o contrario. Quanto mais minas se descobrem e mais exploradores ha, tanto mais se vê os cidadãos quererem tornar-se possuidores d'ellas... Em caso de guerra, a prata é necessaria tambem para nutrir as tropas e pagar aos alliados. Objectar-me-hão talvez que o oiro é pelo menos tão util como a prata: não serei eu que sustentarei o contrario. Notarei unicamente que o oiro tornado mais commum que a prata faria altear esta e baixaria elle mesmo.»

Portanto, n'esses governos da Grecia, tão de ordinario citados como modelos de patriotismo, não se fazia a guerra senão com dinheiro, não se achava os defensores e os alliados senão por este preço. E como não deixaria de ser assim? A classe rica era a unica revestida do privilegio da metropole; ella achava-se incessantemente occupada de intrigas politicas e via-se obrigada a confiar aos mercenarios a honra de proteger a independencia nacional. Um dia veio em que as leis de Lycurgo e as de Solon tiveram um destino commum. As partes que estes legisladores pensaram assegurar a cada cidadão na propriedade do territorio, foram emfim absorvidas por uns poucos de ambiciosos; e, quando os perigos externos rebentaram, ninguem quiz defender uma patria que se havia tornado propriedade de algumas familias.

Esta crise fatal parece ainda mais inevitavel quando se leem os tratados economicos de Aristoteles. A dizer a verdade, estes escriptos pertencem muito mais á politica do que á economia politica; mas elles expõem com uma claresa e uma ordem tão perfeita as doutrinas economicas dos Gregos, que se devem considerar como o mais precioso monumento de sua historia.

\* \* \*



## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Liberalismo

#### Carta pastoral do Ex.<sup>mo</sup> Bispo de Carthagen

(Continuado do n.º 17)

XI

*Prova-se considerando os fins da Egreja e do Estado*

LEM d'isto a propria razão confirma a doutrina dos theologos catholicos; é indubitavel o que afirma o sabio Leibnitz; é certissimo que a jurisdicção espiritual implica por sua propria natureza o principio da sua superioridade sobre o temporal.

E' principio luminosissimo e incontrovertivel, que serve de ponto de partida para resolver a supremacia das sociedades heterogeneas, quaes são o Estado e a Egreja, o estabelecido pelo eximio Suarez e acceite pelos seus inimigos: *tanto se subordinam os poderes como os fins* (1); isto é, a nobreza, excellencia e superioridade dos respectivos fins: será mais nobre e excellente aquelle, cujo fim fór mais nobre e excellente; e aquelle, cujo fim se subordine ao fim do outro, está por isso mesmo subordinado e sujeito a elle. Agora vejamos: qual fim é mais nobre e excelente, o da Egreja, que se propõe a felicidade eterna dos seus associados, ou o do Estado, que se propõe a felicidade temporal dos seus? Não está o material subordinado ao espiritual, o temporal e transitorio ao immutavel e eterno?

«Não é catholico, diz um illustrado auctor (2), nem christão, nem crente ao menos, mas sim materialista e atheu requintado, aquelle que hesitar na resposta a esta pergunta.»

E com effeito, o materialismo e o atheismo são as consequencias logicas do autonomismo do Estado.

Não repudiam estas consequencias os defensores do *Liberalismo politico*, antes as acceitam; mas sendo não só materialista, mas flagrantemente absurdo e contradictorio, afirmar a supremacia do corporal e terreno sobre o espirital e eterno; para evitar a contradicção propalam que o fim ultimo do homem é material e não espirital.

Em verdade, quando isto affirmam,

(1) *Defensio Fidei Catholice*, etc., liv. II, cap. XXII. Veja-se tambem o livro III da obra anteriormente citada.

(2) Sanchez Toca, *Ensayos sobre Religion e politica*.

procedem também logicamente. Como conceber o Estado qual associação suprema e absolutamente independente, sem restringir os destinos do homem à orbita da vida organica e material?

A sociedade qualifica se, como vimos, pelo fim a que se ordena, e por conseguinte será suprema aquella que tenda a um fim absolutamente supremo. Logo, assentando que a sociedade civil é absolutamente independente, equivale a afirmar que o seu fim, que a felicidade material e temporal, é o fim ultimo do homem; que aqui terminam os destinos humanos, e não ha mais nada além da campa; que o homem, puro pó e materia, hade resolver-se em materia; *Pulvis es et pulverem revertentis*.

E em verdade, o materialismo mais repugnante é na theoria o systema favorito dos que sustentam a independencia absoluta do Estado, assim como o são na pratica o utilitarismo e o epicurismo, consequencias necessarias do materialismo. Eis porque os que sustentam o *Liberalismo* assignalam como fim do homem o gozo material e sensível, a satisfação das concupiscencias carnaes, e como meio a agglomeração de riquezas, o interesse. E como a missão do Estado é cooperar e facilitar a consecução do fim dos individuos, o Estado não terá outro objecto, n'este caso, senão proporcionar gozos sensíveis aos associados, por meio do augmento da riqueza publica. As sociedades informadas em laes principios, são idolatras do *bezerro d'ouro*, das grandes expansões do commercio e da industria; n'ellas os ricos são usurarios, e impacientes os pobres; todos aspiram a converter em paraíso de delicias este miseravel desterro, triste vale de lagrimas: para obter a tão decantada e desejada felicidade reúnem-se em conselho os sabios e prudentes do mundo, pedem inspiração á sciencia, e a sciencia para elles unica e transcendental é a *economia politica*; os principios e postulados d'esta sciencia reduzem-se a um só, que é o axioma da sociologia contemporanea: para que todos sejamos felizes, é necessario que desapareça a miseria, e desaparecerá no dia em que a riqueza augmente e cresça até á altura das nossas necessidades e desejos. A produção indefinida da riqueza, é o meio de que dispõe o Estado para tornar felizes os cidadãos. Meio torpe e immoral, que sem virtude para resolver a questão que pretende, em troca enche o mundo de crimes e baixezas sem conta, semeando por toda a parte a dissolução e corrupção mais espantosa, sem respeitar, ousado, nem o templo da sciencia, nem o sanctuario das ar-

tes, nem os degraus do throno, nem os bancos dos ministros, nem as cadeiras dos parlamentos.

A taes abyssos conduzem a logica e os factos aos que sustentam o *Liberalismo politico*! Quem não vê aqui cumprir-se ao pé da letra aquella ameaça tremenda que por bocca de Samuel lançava o Senhor: *Qui contemnunt me, erunt ignobiles; os que me desprezam, serão cheios de ignominia?* (1) Ou aquella outra sobre que chorava David: *Homo, quum in honore esset, non intellexit, sed comparatus est jumentis insipientibus et similis factus est illis. Hoc via illorum scandalum ipsis, et postea in ore suo complacent.*—O homem, constituido por Deus em elevada honra, não comprehendeu a sua dignidade, egualou-se com os jumentos insensatos e fez-se como um d'elles. Tal proceder é causa da sua perdição, e com tudo haverá quem se compraza em o louvar (2).

## XII

Contradição em que incorre o Liberalismo

E já que chegamos a este ponto, não queremos passar adeante, Veneraveis Irmãos e amados filhos, sem vos chamar poderosamente a attenção para uma cousa que fere de morte o *Liberalismo*; e é que elle, partidario tão entusiasta da liberdade humana, seu defensor acerrimo, que não tem poupado meio algum para a enthronizar no mundo, ainda a troco d'expulsar d'elle a Deus; elle, que consignou com letras d'ouro nas Constituições das nações essa bella prerogativa, que a estampou nas suas bandeiras qual signal de triumpho, e como se fosse uma conquista do moderno progresso e da moderna civilisação; elle, que até tomou o nome d'essa tão decantada liberdade; elle, acaba por negar e destruir o que tanto decantou e exaltou. Sim, Veneraveis Irmãos e Amados Filhos, porque se o *Liberalismo* não pôde defender, como acabamos de ver, a sua theoria favorita, sem cahir no materialismo; se os liberaes além d'isto não regeitam consequencia tão absurda, mas a acceitam e com enthusiasmo a applicam ao governo dos povos, como poderão defender a liberdade humana? Pôde haver liberdade da materia, mesmo organizada e vivente? Que phylosopho serio poderá attribuir liberdade ao que carece d'intelligencia e vontade? A não ser que se diga que a liberdade é a faculdade d'obrar sem obstaculos nem peias, ou como diz a

sciencia, em linguagem technica, liberdade a *coactione*, isenção de coação, de violencia, de força bruta; idéa que de commun accordo regeitam a razão e a experiencia, o bom senso e a religião, e que offende em alto grau a dignidade humana, rebaixada por este meio até ao nivel das bestas.

Sucedeu a estes falsos defensores da liberdade o que acontece quasi sempre aos detractores e calumniadores, que cahem no mesmo defeito que anathematizam e condemnam nos que são, talvez, innocentes; o que succedeu a Curi, filho de Jemini, segundo o real Propheta, *incidit in foveam quam fecit—cahiu na mesma cova que abriu* (1).

Assim aquelles se tinham preparado para combater a Egreja, como inimiga da liberdade humana, para a substituirem elles, com seus variegados ideaes, e succedeu que, precipitados pela sua necedade e orgulho, vieram a negar a liberdade; e os que egualavam o homem ao seu Creador, vieram depois a assemelhar-se ás bestas e ás aves; e os que pretendiam *sublevar os povos e os reis* contra o Senhor e o seu Christo (2), inflamaram o fogo da revolução no seio dos povos, e pozeram em combustão as sociedades e os thronos, cumprindo se também assim o que do seu inimigo continua dizendo David: *Convertetur dolor ejus in caput ejus, et in verticem ipsius iniquitas ejus descendet:—a dor que quiz occasionar, recahirá contra elle, e a sua iniquidade descarregará sobre a sua cabeça* (3).

## SECÇÃO CRITICA

## O obolo da caridade

COM o trabalho, remunerar o trabalho; com a esmola occorrer á indigencia; com o exemplo produzir novos fructos! Uma das acções mais generosas do homem, e que mais o exalçam e nobilitam.

Couhece o homem o trabalho, soffre-lhe todas as agruras, exige-lhe a devida recompensa; olha para o desprotegido da fortuna, contempla a sua indigencia.

Esse homem, que amava o trabalho, e a quem o trabalho tornou feliz, lega essa felicidade aos amigos do trabalho, porque reconhece quão justa é a recompensa, dada aos que trabalham; esse homem, que contemplou a indigencia do pobresinho, levado por um sublime e verdadeiro sentimento de caridade, chega a dizer a esse pobresinho—*mi-*

(1) I, Regum. II, 30.

(2) Psalm. XLVIII, 13.

(1) Psalm. VII, 16.

(1) Psalm. II, 2.

(1) Psalm. VII, 17.

tiga o que perante os homens é dôr, e perante Deus é prazer»,—livrando-o assim dos acrimoniosos grilhões da indigencia.

Esse homem deve merecer o nosso respeito e veneração.

Entre outros, um, de quem, ha bem pouco, se fallava—o abastado capitalista Manoel J. Barbosa de Brito, cujos restos mortaes, foram dados á sepultura no dia 7 do corrente.

Lança uma vista d'olhos ao seu testamento; vêde quaes os nobres sentimentos que exornavam o seu coração. Entre outras disposições, vereis a quantia de 50\$000 reis, legada á florescente e esperançosa Oficina de S. José, uma das melhores instituições d'esta cidade, e d'onde se hão de auferir optimos resultados em prol da Religião e da Sociedade; n'esta disposição, vêdes a remuneração, concedida ao trabalho, vêdes o auxilio prestado á regeneração do individuo, vêdes o oholo de caridade converter-se em thesouro inexaurível de riquezas.

Outra disposição e a que mais captiva as nossas attentões, admirando o possuidor de taes sentimentos,—a quantia de 500\$000 reis, legada ao recente e progressivo Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga, estabelecimento unico no seu genero em Portugal; vêdes tambem ali recompensado o trabalho, senão o propriamente material, pelo menos o intellectual (vid. os varios Relatorios); vêdes o auxilio prestado á regeneração da sociedade portugueza, pela formação do bom clero, fim ultimo de este estabelecimento; vêdes, em fim, suavisadas as esperanças dos que pugnam pelo desenvolvimento e progresso d'esta casa d'ensino, e, por conseguinte, pelo desenvolvimento e progresso da sociedade.

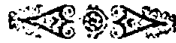
Se qualquer estabelecimento, abrigado sob as fagueiras azas da caridade, deve ser soccorrido, de preferencia o deve ser este ultimo; pois é aquelle a que primeiro devemos attender e sem o qual difficilmente se poderão sustentar todos os demais. «Com effeito, dizia o acreditado jornal «A Ordem», alludindo ao Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga, nas actuaes circumstancias nada conhecemos mais justo, mais necessario, mais urgente do que concorrer como poderemos para a regeneração da sociedade, pela formação de bons padres, porque estes são o sal da terra e a luz do mundo». Crear e sustentar os hospitaes, asylos, monte pios, etc., é muito louvavel e digno de recompensa n'este e no outro mundo; mas concorrer para a sustentação e engrandecimento da Religião por meio de bons sacerdotes, e para a regeneração e salvação da sociedade por meio do

ensino e da educação christã da mocidade, alem de ser «muito mais louvavel e mais justo», é na actualidade «mais urgente e até indispensavel».

Soccorrei, pois, todos os que podeis, esta tão util e proveitosa instituição, lembrando-vos que a vossa esmola se converterá em flores, em dous preciosos, senão diante dos homens, pelo menos e com certeza perante Deus. «Enviem, dizia ha tempos a—«Cruz e Espada»—e repito-o eu agora, ao novo Seminario a sua esmola a bem da instituição, favoreçam a indigencia dos que estudam e formam a consciencia para serem um dia os grandes homens d'esta patria, os santos guias da consciencia de nossos filhos».

Braga.

J. R. M.



## Um bom livro

EM este titulo: *Progresso e Pobreza* (1) e é seu auctor Henry George.

Que é no seu conjunto este livro do celebre economista dos Estados- Unidos? É um «inquerito sobre a causa das crises industriaes e do augmento da riqueza»; é a busca e a indicação do remedio.

Poder-se ha dizer que este livro é bom em todas as suas partes, que todas as theses são igualmente accetaveis? Certamente não se pôde dizer isto.

Não seguimos a opinião dos que creem que os mesmos soffrimentos derivam em toda a parte das mesmas causas materiaes. Estas causas podem ser e são diversas segundo os tempos, os logares, as circumstancias, e segundo o caracter dos povos. Mas existe para a miseria em todos os tempos, para o pauperismo na nossa epocha uma causa permanente,—factor temivel da chaga viva, da ulcera sangrenta, do cancro mortal—a saber a causa moral; o esquecimento dos deveres em cima; o esquecimento dos deveres em baixo; o egoismo d'um lado, as cobiças do outro; em toda a parte o desconhecimento profundo da verdade social.

É n'isto que o livro do snr. Henry George é particularmente instructivo e digno de ser meditado pelos economistas, muitas vezes, quasi sempre preocupados unicamente com as causas materiaes: chega a constatar a causa moral, a proclamar a verdade social.

Ouçamos:

«Por uma lei fundamental da nossa

(1) *Progrès et Pauvreté*, por Henry George, livraria Guillaumin & C.—Paris.

intelligencia—lei na qual, em realidade, a economia politica baseia todas as suas deducções—não podemos conceber um meio sem um fim, um mecanismo sem objecto. A sustentação e o emprego da intelligencia que está no homem fornece este fim e este objecto a toda a natureza, pelo menos á parte com a qual estamos em contacto n'este mundo. Mas a menos que o proprio homem possa elevar se a alguma cousa de mais alto, a sua existencia é inintelligivel. A necessidade metaphisica é tão forte que aquelles que recusam ao individuo alguma cousa de mais que esta vida, são forçados a transferir a ideia de perfectibilidade para a raça. Mas como vimos (e a argumentação poderia ter sido mais completa), cousa alguma pôde provar um melhoramento sensivel da raça. *O progresso humano não é o melhoramento da natureza humana.* Os progressos que constituem a civilização não estão fixados na constituição do homem, mas sim na constituição da sociedade. Portanto, não são fixos nem permanentes, podem se perder, tendem mesmo constantemente a perder se. Ainda mais, se a vida humana não continua além do que nós vemos aqui na terra, encontramos-nos, a respeito da raça, em face da mesma difficuldade que para o individuo. Pois é certo que a raça deve morrer, como é certo que o individuo deve morrer. Sabemos que existiram condições geologicas em que a vida humana era impossivel na terra. Sabemos que se devem reproduzir...

Qual é pois a significação da vida, da vida absolutamente e inevitavelmente limitada pela morte? Não me parece intelligivel senão considerada como a *avenida, o vestibulo d'uma outra vida.*

A concepção particular que o auctor pode ter d'esta vida futura pouco importa agora.

O que importa é que a consideração dos factos presentes, dos acontecimentos, do problema da civilização e do progresso material haja conduzido este eminente espirito a confessar a verdade da vida futura, base de toda a civilização, principio de todo o progresso verdadeiro, lei mesma da historia.

O facto dominante da vida contemporanea, cada vez mais triste e pungente, é que, quanto mais cresce a riqueza, mais se desenvolve, alastra, sobe e submerge nas massas populares o pauperismo, para empregarmos a expressão em voga.

Parece que uma «identificação de causa associa a pobreza ao progresso». Levantam-se fortunas colossaes em alguns annos, ao mesmo tempo que a miseria se torna cada vez mais pro-





OS OCIOS DE UM FUTURO ARTISTA

funda. «O resultado necessario do progresso material é forçar os trabalhadores a acceptarem salarios que mal chegam para viver» ou antes para não morrer de fome.

Parece que toda a intelligencia e actividade humanas estão voltadas para esta sciencia do esbulhamento de todos em proveito d'alguns, que já Bourdaloue chamava outr'ora «a horrivel sciencia de fazer pobres».

Para onde vamos, n'este caminhar? Para o destino das civilisações auligas.

O estudo dos factos da historia universal leva o sr. Henry George a contradizer manifestamente as theorias correntes dos doutores do progresso: «As differenças de civilisações não são devidas a differenças nos individuos, mas antes á differença d'organisação social; o progresso, sempre produzido pela associação, muda se sempre em movimento retrogrado logo que se desenvolve a desigualdade, e mesmo hoje na nossa moderna civilisação, as causas que hão destruido todas as civilisações anteriores começam a fazer sentir a sua acção, e a democracia política pura corre para a anarchia e para o despotismo.»

Sim, é effectivamente isso o que ensina a historia. Mas accrescenta ella ainda outra cousa, isto é, que as civilisações, procedendo da organisação social, valem o que vale esta organisação. Guardando fidelidade ás leis mesmas da natureza humana, organisações em consideração ao fim ultimo do homem, as nossas sociedades poderiam inorrer?

No estudo d'estes problemas que contem o futuro dos povos, não pode deixar d'acudir ao pensamento a phrase da Escripura: «Deus fez as nações curaveis, e não poz n'ellas principio de morte.»

As doenças sociaes podem pois curar-se. As civilisações não são portanto fatalmente destinadas a sepultarem-se nas areias do deserto. Os nossos progressos vó se que não são necessariamente limitados. O destino terrestre da nossa humanidade não é, pois, de algum gyrar n'um circulo perpetuo, mas ao contrario, possuindo a lei verdadeira da vida e do movimento, descrever uma magnifica parabola.

O sr. Henry George entrevê isto quando o seu exame o conduz a declarar «que é necessario identificar a lei da vida social com a grande lei moral da justiça».

Pode-se «prevenir o movimento retrogrado».

Como? Vamos então mudar o mundo? Sim, é isso mesmo, é essa a obra. Ainda não é tempo d'examinar se o

remedio proposto pelo *Progresso e Pobreza* seria completamente efficaz.

Isto dependeria dos meios onde fosse applicado. Bom talvez na America, poderia ser inutil entre nós.

Mas o que é bom, excellente em toda a parte, é o reconhecimento e a pratica da grande lei moral; é o reconhecimento e a pratica dos grandes deveres humanos.

Sejamos christãos.—não de nome, mas de facto, para nos conservarmos na lei da fraternidade—e as questões sociaes serão resolvidas.

P. M.

## Operarios

M. Decurtins e M. Favon, o primeiro catholico por baptismo e obras, e o segundo radical e livre pensador, eis os dous homens que comandam na Suissa a Federação Operaria, e na classe operaria (agora dita quarto estado) exercem uma influencia determinante sentida e obedecida nos 22 cantões que formam a Republica Helvetica. Tendo cada um dos cantões a sua autonomia e formando ao mesmo tempo uma Nação confederada autonoma no que respeita aos negocios nacionaes suissos, no que se refere á patria commum. Os dous nomeados suissos são oppostos no fundo de seus pensares, mas accordam-se no occuparem se da questão-operaria: ha entre os dous um accordado *modus operandi*, reservando-se cada um de elles no fundo de alma a esperança da victoria final. Quando, desaparecida a agitação operaria, os operarios justamente satisfeitos pensem como homens o que lhes possa convir verdadeiramente como entes mercaes, como entes formados de alma e corpo tendo diante de si a Eternidade! E' certo, que o homem reflectindo, por pouco que seja, não pôde desconhecer que ha sobre elle uma superioridade, a que elle se tem a inclinar mesmo só que não fosse mais que pelo instincto natural. E é por isto segura a victoria final de M. Decurtins, catholico, sobre M. Favon, livre-pensador, depois do trabalho commum dos dous para regular a questão operaria de presente na esphera de influencia e acção dos referidos Decurtins e Favon. Sua Santidade Leão XIII tomou em mão a causa operaria para que esta seja decidida justamente segundo Sua Guia e conselhos conforme a Doutrina de que é Depositario e Guarda; Sua Beatitude não se constituiu Promotor do socialismo revolucionario, nem do socialismo de Estado, mas sim do *Socialismo Catholico*; este exemplo vem-o já seguido pelo Eminentissimo Arcebis-

po de Westminster na Inglaterra; por Monsenhor Walsh, Arcebispo de Dublin, na Irlanda; por o Arcebispo Monsenhor Kopp, e outros Bispos, na Alemanha; e ha-de ir sendo seguido por todos os Bispos, por todo o Clero; por todos os catholicos leigos á imitação dos esforços, conformes á Igreja docente, feitos por M. Decurtins! Vamos para os operarios, mesmo para o meio de elles, façamo-nos defensores de suas justas allegações, e no momento seja nossa presença o sermão; que seremos aceites temos anticipadas provas de facto já por differentes vezes dadas; além de estas ha que acrescentar: nos *meetings*, nas reuniões, os operarios queixam-se e mostram se duros contra os patrões, contra a *bourgeoisie*, mas não contra os catholicos, pois que estes não os opprimem. Ha tambem a ouvir os patrões e tanto mais que nem todos estes são tyranos, se bem que sejam menos accessiveis em geral. Os patrões, vendo a acção salutar dos catholicos sobre os operarios, não poderão menos que render-se ás justas allegações dos operarios pelo intermedio dos catholicos. E' pois a Igreja de Deus a unica arbitra ajustadora e pacificadora da questão= patrões-operarios; sim, o Socialismo-Catholico pela doutrina do Homem Deus, da qual procede a caridade com o afastamento do egoismo e do vil interesse! Além do que evidencia a Doutrina Catholica, as provas estão feitas de que só a Igreja de Deus pôde pôr nas justas condições e assim regular a questão patro operaria!

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

POESIAS por L. A. Lubbeck.

Recebemos este livrinho, que forma uma colleção de poesias, muitas das quaes, segundo diz o seu illustrado auctor, já appareceram na imprensa periodica.

Lemos algumas e pareceu-nos que o auctor tem estro, intelligencia e sabe metrificar. Tem tambem uma outra qualidade, raro nos poetas d'hoje:—é christão, e não occulta os seus sentimentos. Algumas das suas poesias vdem impregnadas d'esse sentimento.

Este livro de poesias foi publicado em Shanghai, na China.

Ao seu auctor o nosso agradecimento pela offerta d'um exemplar.



## SECÇÃO ILLUSTRADA

## A ilha de S. Domingos no Haiti

(Vid. p. 205)



HAITI é uma ilha do Oceano Atlantico, descoberta em 5 de dezembro de 1492 por Christovão Colombo, que lhe deu o nome de S. Nicolau em memoria do santo cujo dia era.

Os hespanhoes mandados á descoberta no interior da ilha, voltaram dizer ao seu chefe que as bellezas que ahí viram a tornavam similhante á sua patria, pelo que Colombo entender dar-lhe o nome de Hespanhola (*Hispaniola*), o qual mais tarde foi trocado pelo de S. Domingos, em rasão do estabelecimento que os hespanhoes fundaram na parte meridional da ilha, e que desde 1865 se conhece pelo nome de Dominica, ou republica dominicana.

O Haiti tem nove portos abertos ao commercio: Porto do Principe, que é a capital da ilha, edificada em terreno pantanoso, o cabo Haitiano, Jacmel, as Gonaivas, as Cayas, Jeremias, Aquino, Miragoano e S. Marcos.

Quando Colombo chegou ao Haiti, o paiz estava dividido em cinco reinos, governado cada um pelo seu cacique. D'estes nem todos se submeteram voluntariamente ao invasor. A conquista custou uma guerra porfiada, e foi só levando tudo a ferro e fogo que os hespanhoes conseguiram triumphar.

Para se fazer idéia da guerra d'extermínio que a Hespanha moveu áquelle paiz, basta saber que, quinze annos depois da chegada dos conquistadores, o Haiti não tinha mais de sessenta mil habitantes, isto é, a decima sexta parte apenas dos que tinha ao tempo da conquista.

Os hespanhoes foram pois os senhores da ilha; mas esta estava pouco menos do que deserta.

Em 1625 a França e a Inglaterra disputaram a sua posse á Hespanha. A França pôde emfim, em 1644, organizar uma colonia do lado do sul, colonia que em breve tempo tomou grande incremento; mas em 28 de março de 1790, como a assembleia nacional igualasse os direitos civis dos brancos e negros, estalou uma revolução na colonia, dando em resultado a abolição da escravidão tres annos depois.

Mas os colonos chamaram em seu auxilio os inglezes e hespanhoes, aposando-se d'uma parte do territorio de S. Domingos. Então um negro, Toussaint Louverture, arvorou-se em chefe das forças indigenas e repelliu as tropas estrangeiras, estabelecendo um governo nacional. Napoleão mandou con-

tra os revoltosos um exercito, que conseguiu apoderar se do chefe, não alcançando, porém, a submissão dos negros, que, em 1804, proclamaram imperador um successor de Toussaint. com o nome de Thiago I.

Emfim, em 1825, a França reconheceu a independencia do Haiti, que é hoje uma republica.

## SECÇÃO NECROLOGICA



## UM PRANTO

(A' memoria de meu unico irmão,  
João Baptista Costa)

«A vida é folha que cahe...  
J. DE LEMOS.

Junto ao tumulo teu glacial  
A corôa deponho, saudoso,  
De meu unico amor fraternal,  
Resignado, irmão extremoso...

Fria loisa te cobre, oh mano,  
Em remota região, isolado,  
Sem que, á vinda do anjo tyranno,  
Um dos teus só tivesses ao lado...!

Um só...! a teu lado...  
Se é triste a terra deixar  
No da vida mais pleno vigor,  
Em d'esp'ranças ridentes um mar,  
E' mais triste ainda, oh dôr...!  
Excruciante dôr...!  
E' mais triste, infando, morrer  
Da familia longe saudosa,  
Sem ao ultimo d'olhos volver  
Deparar-se assistencia affectuosa...

Oh morte angustiosa...!  
Quem, oh mano, teus olhos cerrou,  
Quem a farda vestiu-te honrada...?  
Quem saudoso carpir derramou,  
Quem á valla seguiu-te gelada...?  
A' valla gelada...

E que mão o punhado, saudosa,  
Derradeiro de terra lançou-te...?  
Quem ao Céu uma prece ferv'rosa  
A Jesus Redemptor offertou-te...?  
Coitado...! Infeliz...!  
Nem a faixa cingiste anhelada...  
Nem a mão fraternal osculaste...  
Nem t'uniu sua estôla sagrada...!  
Toda a nossa esperanza levaste...  
Fugaz esperanza...!

Pois teu brio, teu amor exaltado  
Pela humanidade e Nação  
É, quem sabe?... a saudade, coitado!...  
Te tão cedo gelou, meu irmão...  
A vida...! illusão!...

Que serás mais no Céu compensado  
Por teu Santo, Jesus e Maria,

Firme o crê teu irmão dedicado,  
Qu'esta prece terá noite dia:

*Descanso eterno  
Lhe dai, oh Jesus!  
E o resplandeça  
Perpetua Luz.*

R. I. P.

*Antonio da Costa,*  
que pede, por caridade, um suspiro  
pela alma de seu inolvidavel irmão...

Rendeu a alma ao Creador a extremosa mãe do nosso presado assignante, o rev. Padre João Antonio Soares, de Tinhella, Chaves.

Sabendo quam extremoso este filho era por sua mãe, avaliamos a dôr, que sentiria, com tão irreparavel perda. Consola-nos, porém, o saber que, sacerdote de Christo, o snr. Padre Soares encontrará na religião, de que é digno ministro, consolação para a sua orphandade.

Aos piedosos leitores pedimos as suas orações por alma da finada senhora; e ao nosso presado assignante enviamos sinceros pezames.

## RETROSPECTO

A «*Biblia Sagrada Illustrada*» edição protestante.—Parece que os senhores inglezes, não contentes de nos irem apanhando, por meios illicitos e a pezar nosso, as nossas colonias, tomando magnanimamente sobre si a tarefa de se tornarem o padroeiro d'essas possessões, querem tambem assentar arraiaes na metropole portugueza. Ninguem ignora o processo que os filhos d'Albion adoptam para colonisar aquillo que attrae seus cubiçosos olhares: mandam adiante o pastor sobraçando a Biblia protestante; e mais tarde, quando julgam o terreno sufficientemente preparado, veem as suas tropas acabar a evangelisação.

De ha muito que alguns dos taes pastores, emissarios do governo inglez, foram acoitar-se na cidade do Porto, estabelecendo o seu quartel general em Villa Nova de Gaya, d'onde dirigem as suas operações. No logar do Torne, em Gaya, arenguem sermões aos papalvos que conseguiram engodar (poucos, felizmente) e na mesma villa estabeleceram escolas para crianças, ás quaes vão pouco a pouco inoculando o pestilento virus da sua avariada doutrina. No Porto tambem teem escolas, e—o que mais lamentavel é!—construiram uma capella no Largo do Coronel Pacheco, com fórma exterior de templo, o que é expressamente prohi-

bido pelas nossas leis; tolerancia assás censuravel das nossas auctoridades civis, que mais tarde hão de conhecer o seu erro, talvez—o que Deus não permitta!—quando seja demasiado tarde para reparar o.

Deixados assim á solta nas suas machavelicas operações, os taes pastores protestantes teem ido botando, mansa mas persistentemente, as unhas de fóra, e vê-se claramente que seus intuitos é *inglezar* a alma dos portuguezes, protestantisando-a, para depois mais facilmente *inglezarem* a nossa querida patria, tornando-a uma simples colonia de John Bull. A's prédicas evangelicas no Torne, em portuguez mascavado, trauteadas ora pelo pastor a soldo da nossa *fiel* alliada, ora pela cara metade do mesmo irrisorio arengador, e ao arrebanhamento de crianças para os seus antros escolares, juntaram a divulgação de livrecos evangelicos, que um pobre diabo qualquer vae espalhando pelas aldeias, de sacola ao hombro, umas vezes a troco d'uns miseros cobres, outras gratuitamente, quando vê que o freguez não está disposto a dispender algum vintem na compra de tão avariada mercadoria. E o que mais revoltante se torna é, que os taes vendilhões ambulantes de livrecos protestantes os *impingem* ao pobre povo ignorante como livros genuinamente catholicos!

Como se vê, os agentes da Inglaterra entre nós teem tido o campo livre para as suas operações, e, diga-se a verdade, finorios, como incontestavelmente são, teem-se aproveitado bem da indolencia e nimia tolerancia em que as nossas auctoridades teem permanecido a seu respeito.

E, como de todos estes abusos se teem sahido bem, não pararam aqui. Agora projectaram publicar uma *Biblia Sagrada Illustrada*, e tiveram artes de conseguir que quasi toda a imprensa portuense tecesse encomiasticos elogios a tal obra, fazendo crêr que se tratava d'uma Biblia catholica. Os avelhacados pastores, para mais facilmente fazerem crêr ao publico que se tratava d'um livro catholico, annunciaram em caracteres typographicos de palmo e meio que para a Biblia aproveitavam a traducção do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, e que, para poder ser util não só ao povo, mas aos homens illustrados, e principalmente *aos estudantes dos seminarios*, acompanhariam a traducção do texto latin. O que, porém, os *innocentes pastores* não declararam no prospecto-annuncio é—que não publicam as notas explicativas que acompanham a traducção, notas necessarias para o catholico, porque este não póde, como o protestante, interpretar os trechos biblicos consoante o

seu criterio,—e que supprimem certos livros e truncam varias passagens do livro sagrado que lhes não convem. porque, a serem publicados e divulgados, seriam a condemnação mais frivola da sua falsa doutrinação.

Cautella, pois, catholicos, com a *Biblia Sagrada Illustrada*, que os agentes da Inglaterra entre nós vos querem impingir como oiro de bom quilate. quando é certo que a tal Biblia nada mais é que obra de fanqueria.

Não vos illudaeis com as gravuras da annunciada obra nem com os reclamos da imprensa, quiçá a tantos reis por linha. Nenhum de vós deve contribuir com 5 reis para a propagação da tal Biblia, porque quem o fizer atraiçoa a sua religião e a sua patria:—a sua religião porque a Biblia, que se está a publicar, não é verdadeira, e o fim, que o protestantismo tem em vista com a sua divulgação, é perverter os vossos principios catholicos, substituinto-os pelos protestantes, os quaes, como disse um mesmo coripeu da seita evangelica, se são mais faceis do que os principios catholicos para viver, são pouco seguros para bem morrer;—a sua patria porque, protestantisado Portugal, a Inglaterra encontraria as nossas portas franqueadas de par em par para cá não metter os seus agentes e a sua soldadesca pretoriana.

*Leão XIII e o sr. Bispo de Vigevano.*  
—No *Retrospecto* do numero passado informamos os leitores, n'um artiguinho com o titulo—*Como a Igreja é tratada na Italia*—do procedimento das auctoridades italianas para com o sr. Bispo de Vigevano, ao qual mandaram comparecer no tribunal para responder pelo procedimento do parcho de Lomello, da sua diocese, que, á cabeceira d'um moribundo, lhe exigiu uma declaração d'arrependimento pelo doente ter adquirido anteriormente bens roubados injustamente pelo Estado a corporações religiosas.

O Santo Padre, tendo conhecimento d'este illegalissimo procedimento dos agentes do sr. Crispi, enviou ao sr. Bispo de Vigevano um Breve, cuja traducção damos em seguida:

*Leão XIII, Papa*

Veneravel Irmão, saude e benção apostolica.—Ficamos dolorosa e profundamente maguados com a noticia do grave ultrage que vos foi feito com a citação para comparecerdes perante o magistrado, assim de responderdes, como se fóra um crime, pelo cumprimento do vosso sagrado ministerio. A dôr, que com isto experimentamos, é ainda mais viva por ser assim violada a dignidade episcopal na vossa pessoa e porque

d'isso resulta uma nova prova da dura perseguição, que a Igreja soffre na Italia.

O que Nos allivia na Nossa afflicção, é o pensamento de que estes actos de vexação produzem effectos contrarios aos designios de seus auctores. Quanto mais se vê manifestar-se a injusta violencia que exerce contra a Igreja o poder civil, ao ponto de pretender intervir nos segredos da consciencia e afastar de seu dever, com receio de castigos, os dispensadores dos mysterios divinos, mais se vê quão impudente é a mentira d'esses inimigos da religião que se vangloriam de salvaguardar a justa liberdade e quam vão são os esforços que fazem para tornar traidores á santa milicia de Christo aquelles que lhe são consagrados.

Estes, porém, graças a Deus, não cedem a ameaças, nem deixam de cumprir o seu dever; tiram mesmo uma nova gloria d'um tão nobre combate porque, a exemplo dos Apostolos e pelo facto de preferirem obedecer a Deus, são reputados dignos de soffrirem ultrages pelo Seu nome.

Coragem, pois, veneravel irmão, e deixae-Nos felicitar-vos pelo zelo e constancia sacerdotal que empregaeis no cumprimento de vosso ministerio pastoral. Perseverae com ardor no caminho que tão valentemente trilhaes, e não temaeis as provações que talvez ainda vos façam soffrer a violencia e a malicia dos homens. Animaes-vos com o exemplo d'esses primeiros christãos, dos quaes se tem dito que «no meio dos mais duros soffrimentos, gosaram da abundancia da alegria.» Reconfortae-vos com a esperanza da sublime recompensa reservada aquelles «que hajam sustentado sem quebranto o bom combate pelo nome de Jesus Christo.» Como penhor da graça celeste e em testemunho de Nossos sentimentos, recebei a benção apostolica que Nós vos concedemos affectuosamente, ao vosso clero e aos fiéis da vossa diocese.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, a 13 de junho de 1890, decimo terceiro anno de Nosso pontificado.

*Leão XIII, Papa.*

Os sicarios do sr. Crispi nada poderão contra a Igreja. Esta tem visto na sua frente adversarios mais temiveis e sempre os tem derrotado. Não será, pois, o pequeno chancellor e o seu bando que hão-de derrotar a Igreja. Jesus Christo, que é o seu Chefe inviolavel, prometeu-lhe que duraria até a consummação dos seculos, e as promessas de Christo não falham.

Continue, pois, o sr. Crispi a mover perseguição á Igreja, porque, em vez de a prejudicar, exultal-a-á.

*Os missionarios protestantes julgados por um seu correligionario*—O major Wissmann é um explorador africano allemão, que começa a crear nome pelas suas excursões ao centro da Africa.

Deve, pois, conhecer a vida e serviços dos missionarios na Africa, e portanto tem auctoridade o que o major disser sobre missões. Pois este illustre official fallou ha pouco em termos assás desfavoraveis de todos os missionarios protestantes, e as suas palavras mais auctoridade teem por elle seguir a religião protestante. O major accusou os taes *pastores* de quererem desempenhar um papel politico, tão prejudicial como injustificado. Cotejou o procedimento dos missionarios protestantes com os beneficos serviços dos missionarios catholicos, que são, segundo disse, infatigaveis e cheios d'abnegação, e cujos trabalhos contribuem para propagar a influencia christã, a civilisação e a moralidade.

«Os missionarios catholicos, accrescentou o major, são verdadeiros sustentáculos da civilisação, ao passo que os missionarios protestantes nada mais fazem que suscitar-lhe obstaculos; as consideraveis quantias que a estes se enviam, são na realidade perdidas. Em vez d'auxiliar, apenas servem para prejudicar pelas suas agitações politicas.»

Bello retrato, traçado por pincel competente e insuspeito!

Nós cá, mais conhecedores das coisas d' Africa e dos processos dos missionarios protestantes, recommendamos ás nossas auctoridades africanas estas *boas almas* que vão para a Africa evangelisar em pró... da sua bolsa, e até, de quando em quando, lhes pagamos a passagem nos navios, que alli os conduzem; ao passo que nos contentamos, e quasi como *por favor* aos missionarios catholicos, a subsidiar annualmente uma meia duzia d'elles, que para alli vão prégar a religião do Crucificado e tornar respeitado o nosso predomínio.

E' verdade que estamos colhendo o fructo da nossa protecção ao missionario protestante: no Bihé, o nosso Silva Porto cortou o fio da vida pelo haver atraído um missionario protestante, a quem elle muito protegeu, e que, em recompensa, minou ao nosso ser-tanejo o prestigio, que elle tinha junto dos regulos; no Chire os nossos *amigos* inglezes foram lançando mão do que nos pertencia, graças ás intrigas que os missionarios protestantes e o celebre Johnston urdiram contra nós com os makololos.

Deus não dorme; os nossos *grandes* homens, a quem as trombetas liberangas divinisam, extinguiram as Ordens religiosas e quasi que acabaram com

o missionario africano. O resultado é o que estamos presenciando, com profunda dor para o coração do verdadeiro portuguez.

Mas devem estar satisfeitos os nossos governantes. Uma voz disse no parlamento, não ha muitos annos, que se salvassem os principios, embora se perdessem as colonias. Deus fez-lhe a vontade:—os principios ficaram de pé como rochas; as colonias... essas estão passando para as mãos dos inglezes.

E' de crer que este *patriota* ainda venha a abichar centenario como Pombal ou festança no anniversario do dia em que pronouciou estas *memoráveis* palavras.

*Monsenhor Vicente Vannutelli elevado a Cardeal*.—No consistorio de 23 de junho foi declarado Cardeal da Santa Igreja romana (fôra creado Cardeal *in pectore* em 30 de dezembro de 1889) o ex.<sup>mo</sup> Monsenhor Vicente Vannutelli, digno representante do Santo Padre junto da corte de Lisboa.

No domingo, 6 do corrente, foi imposto ao novo Cardeal, no palacio da Ajuda, o barrete cardinalicio por Suas Magestades Fidelissimas, tendo sido nomeado pelo Soberano Pontifice ablegado apostolico para esta cerimonia Monsenhor Julio Tonti, auditor da Nunciatura de Lisboa desde que se acha entre nós Monsenhor Vannutelli.

A cerimonia da imposição do barrete foi feita com o ceremonial d'uso, assistindo o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha e os altos dignitarios da corte.

O novo Cardeal tem prestado importantes serviços á Santa Sé no desempenho de varias missões de responsabilidade. Não admira pois que S. S. Leão XIII, querendo recompensar esses importantes serviços, elevasse ás honras da purpura o Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo de Sardia.

Portugal tambem deve muito ao novo Purpurado. Foi Sua Eminencia que preparou e dirigiu a nova Concordata para as Indias Orientaes; e se este accordo não tem, até agora, dado o resultado que era para desejar, porque ainda estão de pé varias difficuldades e alguns problemas indianos sem solução, a culpa não é da Santa Sé nem do governo portuguez, mas do lamentavel estado de coisas a que tinha chegado a nossa India.

Todos nós devemos, pois, exultar com a elevação ao cardinalato do Snr. Arcebispo de Sardia, porque Sua Eminencia era mui digno d'essa honra.

Diz-se que Sua Eminencia se conservará entre nós até ao fim do corrente anno, com o titulo de pro-Nuncio, afim d'ultimar negociações peudentes entre

o nosso governo e a Santa Sé sobre o padroado indiano.

Os nossos parabens a Sua Eminencia pela sua elevação ao Cardinalato.

*O descanso do domingo*.—Não é só em França que ha quem se preocupe com o descanso do domingo. Esta questão, que é da magna importancia, christã e sociologicamente fallando, preoccupa os homens d'Estado de diversos paizes, que olham com interesse para o bem da sua patria e dos povos.

A Belgica, graças ao partido catholico, que ha meia duzia d'annos conserva em seu poder as redeas da governação, tem uma legislação sobre o descanso do domingo, digna de causar inveja aos paizes mais accentuadamente catholicos.

O Conselho nacional suizo, a exemplo da Belgica, acaba de votar com algumas modificações uma lei, já approvada pelo Conselho dos Estados, sobre o descanso do domingo aos operarios dos caminhos de ferro.

Esta lei tem applicação não só aos caminhos de ferro, mas tambem aos navios a vapor, aos telegraphos e a todas as outras empresas de transportes, que receberam concessões pela Confederação ou são exploradas directamente por ella.

A lei não se limita a fixar os dias de descanso:—fixa em 12 horas o dia de trabalho, em vez do maximo de 16 horas, que o Conselho dos Estados propunha; a duração do descanso ininterrupto de cada dia está fixado em 10, 9 ou 8 horas, segundo as circumstancias.

Segundo o projecto votado pelo Conselho dos Estados, os empregados d'estas empresas deviam obter, durante o anno, 36 dias livres, pelo menos, convenientemente repartidos, 17 dos quaes deviam coincidir com um domingo (art. 4.<sup>o</sup>). E' prohibido o serviço de mercadorias nos caminhos de ferro aos domingos.

Ao tratar-se do art. 4.<sup>o</sup>, o snr. Curti pediu que o numero dos dias de descanso fosse elevado de 36 a 52, 26 dos quaes ao domingo.

Por fim, a proposta do snr. Curti foi adoptada pelo que diz respeito aos 52 dias de descanso; mas ficou de pé o numero de só 17 dias de descanso ao domingo.

Teem, pois, os operarios um dia de descanso semanalmente. E' este o antigo uso, consagrado pelas leis divinas e ecclesiasticas, e seguido escrupulosamente emquanto o *progresso* não entrou na sociedade.

Esta concessão não é bem o que os catholicos desejam. Mas os membros

do Conselho catholico votaram a proposta do snr. Curti a titulo de concessão minima, esperando de futuro obter que seja respeitado o preceito divino na sua pureza e integridade.

Quem nos dêra que em Portugal se fizesse o mesmo!

Cá, porém, tudo se macaqueia, menos o que é bom.

*A ociosidade e ignorancia d'um frade.*—«Consta-me,—escrevem de Marrocos ao nosso collega *El Correo Español*—que o principe D. Philippe de Borbón y Braganza, residente n'esta desde agosto do anno passado, adquiriu recentemente as obras do Padre Lerchundi para as enviar ao augusto senhor Duque de Madrid. O sabio franciscano está publicando agora na imprensa da missão uma *Grammatica do arabe classico e littiral* e o primeiro *Vocabulario do dialecto de Marrocos*, obra de merecimento extraordinario, segundo as pessoas competentes, na qual muito terão que aprender os etymologistas e os senhores academicos da *Espanhola*.»

Não acreditamos esta noticia. Pois um pobre franciscano, um simples frade, ocioso e ignorante como todos os frades, pôde lá escrever obras d'importancia, nas quaes possam aprender os etymologistas e academicos?

O informador do nosso collega errou por certo o nome e a profissão do auctor das obras citadas. Onde disse: *Padre Lerchundi* devia ter dito: o snr. *Tal*, e onde escrevem: *o sabio franciscano*, devia ter escripto: *o sabio materialista*, ou: *o illustre livre-pensador*.

Com estas emendas pôde passar sem reparo a noticia, pois não é crível que um Padre catholico, chefe da missão catholica franciscana em Marrocos, tenha sciencia para escrever livros, que sirvam d'estudo para os sabios.

*Quanto custa o ensino leigo em Franca comparado com o religioso.*—Quem estabelece a comparação é a *Croix* na seguinte noticiinha: «Um collegio que os jesuitas possuiram outr'ora em Vanes, comportava 1:000 a 1:200 alumnos; a cidade possui-o por direito de confiscção. A camara despendeu 700:000 francos (a bagatella de reis 12:600\$000) para melhoramentos n'elle, alim de comportar 169 alumnos comprehendendo o ensino de francez e a escola primaria. A philosophia e a segunda apenas tinham, em 1889, dois alumnos. Os jesuitas não pediam nada e davam esmolos; o collegio municipal reclama 19:000 francos (3:420\$000 reis) de subvenção por anno e não dá um real. Renovou se o contracto.»

Fez muito bem a camara municipal. Que importa mais 3:420\$000 reis por anno, se ella satisfaz o seu satanico odio? Pôde ser que os municipes não sejam da mesma opinião; mas, se assim é, que não tivessem a ingenuidade d'eleger aquella camara.

E, demais, o ensino jesuitico está condemnado pelo *progresso*. O jesuita ensina o amor e temor de Deus, e a sociedade d'hoje não quer saber d'essas *ninharias*. O que lhe serve é o ensino sem Deus, porque havendo uma sociedade de perversos e marotos todos se entendem e se acautellam uns dos outros.

Depois da morte lá os espera o Inferno; mas que importa o Inferno a quem foi no mundo um verdadeiro demonio?

*Concilio nacional na America do Sul.*—Vae reunir-se brevemente um Concilio nacional na America do Sul, do qual se esperam beneficos resultados para a Igreja. O Concilio considera todos os povos da America que fallam o idioma castelhano como um só; e porisso os seus Bispos e Prelados se reunirão n'uma santa assembleia, como unidos estão em fé, com o fim de tomarem as resoluções mais convenientes para o augmento e defeza do Catholicismo no extenso territorio d'aquelle paiz. O objecto principal é combater a franc-maçonaria, seita impiissima, que é o flagello d'aquellas terras e o ponto de apoio de todos os inimigos da Igreja e da ordem social.

Muito ha esperar d'este Concilio. O assumpto, que vae tratar, é opportunissimo, apesar de muita gente dizer que a maçonaria está moribunda e é inoffensiva. Quem domina a Italia e a França? A franc-maçonaria! Quem domina... outros paizes que todos conhecemos? A franc-maçonaria!

A maçonaria, eis o inimigo fidalga da Igreja. Guerra, pois, a ella, catholicos de todos os paizes!

*Os protestantes escorraçados de Salamanca.*—Os senhores protestantes acabam de cair como praga de gafanhotos em Salamanca, no reino visinho. Apenas alli entraram, puzeram-se á vontade, como em casa propria; e como lhes não falta dinheiro, graças ás sociedades biblicas d'Inglaterra, que o espalham a jorros para angariarem proseyntos, resolveram desde logo erguer alli uma capella evangelica. Só lhes faltava o terreno, e, para o adquirirem, bateram á porta de todos os proprietarios. Nenhum, porém, lhes cedeu o terreno, por saberem o fim a que era destinado, apesar dos *pastores* não fazerem questão de dinheiro.

Bravo, proprietarios!

Os protestantes, corridos, passam sem capella; mas é de crer que não levantem vôo de Salamanca, apesar de verem que os ventos lhes não correm favonios.

Se em toda a parte aonde os senhores *pastores*, acompanhados de suas *miss* e criançada fossem poisar, lhes fizessem como os proprietarios da cidade salmantina, por certo que o protestantismo já teria passado á historia. Mas como assim não succede, infelizmente, ainda os vemos a percorrer as nossas provincias a propagar a sua heretica doutrina e a espalhar livrecos.

F.

## ANNUNCIOS

### HISTÓRIA POPULAR DOS PAPAS

POR MR. CHANTREL

Traducção de Antonio José de Carvalho

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

4 vol. 5\$400; para os assignantes do «Progresso Catholico» os 4 vol. 4\$500

Recebem-se assignaturas aos volumes

### DEVOÇÃO

### AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

PEQUENO MEZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

PIEDOSO PENSAMENTO PARA O

MEZ DE JUNHO

Extrahido do livro devoto da donzella pelo auctor das «Palhetas d'Ouro»

Obra approvada por muitos Cardeaes, Arcebispos e bispos

Traduzida da 103.<sup>a</sup> edição,

por um Filho de Maria

Contém este pequeno livrinho: *Mez do Sagrado Coração de Jesus, Laldinhas do Sagrado Coração de Jesus, Consagração ao Coração de Jesus, Novena ao Coração de Jesus, Invocação ao Sagrado Coração de Jesus.*

1 vol. de 64 pag. em bom papel, 100 rs.

Quem comprar 3 ex. pagará só 200 reis

### A ROMA!

(NARRATIVAS DE VIAGEM)

PELO

PADRE MARTINS CAPELLA

1 volume — 500 reis